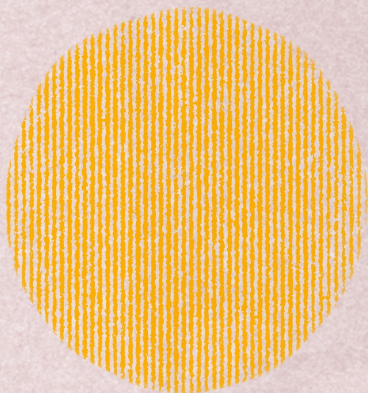




criação literária



lisianthus e astromélias

Fabiana Rodrigues Carrijo¹

“Mas se eu canto a dor que existe
É que sei que lá no fundo
Todo canto, mesmo triste
Ameniza a dor do mundo”
(*Mônica Salmaso e Dori Caymmi*)

E não é que sem mais nem porquê os Lisianthus – aquelas flores que se entregam ao amor – como já prescreviam os livros de botânica principiaram semear dor no coração das Astromélias porque descobriram nestas terra fértil para acolher o amor. Astromélias – flores puras e, desprezadas de novas tempestades, vagavam tristes vasculhando uma forma de ser sem se doer/condoer tanto neste árido viver. Pensaram que morreriam na secura dos gestos, na escassez dos sentimentos; creram – como no verbo cristão – que haviam semeado amor, mas eis que (re) descobriram que é impossível amar sem ferir. Amor – plantação difícil, pois que de uma maneira ou de outra acabam sempre semeando mágoas nos corações alheios – crescendo feito erva daninha em solo fértil. A mágoa residida, a mágoa nutrida, a mágoa tracejando outros tantos cursos de dor.

No presente quando da nova reaproximação – após um longo mergulho no abismo de si e dos outros – de novo a canção triste, de novo o plantar doido nos álveos seus – reverberando agonias antigas nas almas ancestrais dolorosas. Reconheceram, por fim, enfim que ‘amor-terreno’ é insólito. Difícil ‘o amor’ sem exigir expedientes de afeto.

Era preciso novamente distanciar-se para respirar porque ainda que entusiasticamente tivesse acreditado que poderia reaprender a viver sem ser tão mais, descobrira estarrecida que era um ser de extremos – sempre muita dor,

sempre muito acreditar, sempre... tão sempre disponível para o romance sonhado entre *lisianthus* e *astromélias*.

Que livro era aquele mesmo que lhe ensinara a homilia equivocada de que amor era possível nesta vida terrena? Restaram os versos avessos às minhas vontades – ‘retrato-canção’ do canteiro sempre abissal do coração das *astromélias* e por que não também dos *lisianthus*?

Talvez os versos/canções/as artes sejam sempre mais regadas pelas chagas/lágrimas que propriamente pelo ‘amor-perfeito’ nos canteiros festivos da avó materna!

No agora o rasgar-se... ‘nos despois’ o cicatrizar-se e assim segue a ciranda da vida: entre agonias e vislumbres de ‘alegriazinha’ como já dizia nosso Guimarães Rosa que não à toa também carregava rosa no nome e, nos escaninhos da escrita e da alma, as veredas! Quiçá os dois seres não sejam ‘*lisianthus*’ nem ‘*astromélias*’, ambas ‘*callas*’ – silenciadas no amor nutrido, mas difícil de ser conhecido em qualquer das estações do amor/desamor.